

RELATÓRIO DE GESTÃO

N SEGUROS, S.A.

2008



U.1-
Ph

ÍNDICE

1. A ECONOMIA	3
1.1. Economia Portuguesa	3
1.1.1. A Economia	3
1.1.2. O Mercado Segurador.....	4
1.1.3. O Mercado de Capitais.....	5
1.1.3.1 O Mercado Cambial.....	5
1.1.3.2 O Mercado Monetário.....	5
1.1.3.3 O Mercado de Obrigações	5
1.1.3.4 O Mercado de Acções	6
1.2. Economia Mundial	7
2. A N SEGUROS EM 2008	9
2.1. Produção	9
2.1.1. Volume de Prémios	9
2.1.2. Quota de Mercado.....	9
2.1.3. Nº de Apólices e Nº de Clientes.....	9
2.2. Recursos Humanos.....	11
2.2.1. Quadro de Pessoal	11
2.2.2. Outros dados relevantes	11
2.2.3. Desenvolvimento de Recursos Humanos	11
2.3 Projectos Desenvolvidos em 2008	12
2.4 Posicionamento e Imagem.....	12
2.4.1 Promoção	13
2.5 Sinistralidade	15
2.5.1 Taxa de Sinistralidade e Rácio de Provisionamento	15
2.5.2 Sinistros em curso, abertos e encerrados	15
2.5.3 Taxa de Encerramento	15
2.6 Resseguro	15
2.7 Análise Financeira	16
2.7.1 Resultado Antes Impostos, Resultado Líquido Return on Equity (ROE) ..	16
2.7.2 Despesas Gerais.....	17
2.7.3 Resultado Operacional	17
2.7.4 Investimentos.....	17
2.7.5 Garantias Financeiras	17
2.7.6 Aplicação de Resultados	18
3 PERSPECTIVAS 2009.....	19
3.1 Economia	19
3.2 A N Seguros em 2009.....	20
4 DIVIDAS À SEGURANÇA SOCIAL E AO ESTADO	21
5 OBJECTIVOS E POLÍTICAS DA SOCIEDADE EM MATÉRIA DE	
GESTÃO DOS RISCOS FINANCEIROS	22
6 DISPOSIÇÕES FINAIS.....	23
7 ACÇÕES DOS MEMBROS DOS ORGÃOS SOCIAIS.....	24

1. A ECONOMIA

1.1. Economia Portuguesa

1.1.1. A Economia

O Produto Interno Bruto (PIB) português cresceu, em 2008, 0,3%, o que traduz um abrandamento relativamente ao ano de 2007, tendo nesse ano este indicador atingido os 1,9%. Este abrandamento foi motivado pelo efeito que a crise financeira internacional teve na actividade económica mundial.

Ao nível da procura, registou-se uma desaceleração das várias componentes da procura global, nomeadamente do investimento e das exportações, num quadro de deterioração crescente das perspectivas de procura nos mercados nacional e externo. Ao nível sectorial, houve uma contracção da actividade da indústria transformadora, muito por influência da diminuição das exportações e do investimento empresarial. No sector da construção também se registou uma retracção da actividade, motivada pela estagnação do investimento empresarial e da redução do investimento público. No que diz respeito ao sector dos serviços, o ano de 2008 trouxe um crescimento de 1,5%.

A taxa de inflação, em 2008, foi de 2,6%, valor este superior ao registado no ano transacto (2,4%).

O défice conjunto das balanças corrente e de capital, que caracterizam as necessidades de financiamento da economia portuguesa, foi em 2008, de 9% do PIB. Este indicador havia sido de 8,2% (do PIB) em 2007. A evolução deste indicador está fortemente relacionada como agravamento do défice da balança de bens e serviços, o que traduz uma evolução desfavorável dos termos de troca, muito por influência do aumento do preço do petróleo (em média anual), da diminuição da taxa de crescimento das exportações e um aumento das importações.

A evolução das exportações de bens e serviços contribuiu decisivamente para abrandamento da actividade económica em 2008. Depois de um crescimento de 7,6% em 2007, as exportações cresceram 0,6% em 2008.

As importações de bens e serviços aumentaram, em 2008, cerca de 2,4%, valor este que contrasta com o crescimento de 5,9% em 2007. Esta desaceleração, determinada em boa parte pela evolução da procura global, está concentrada essencialmente nas importações de mercadorias, uma vez que as importações de serviços apresentaram um abrandamento moderado.

Em 2008, face ao abrandamento da economia mundial, assistiu-se a uma forte desaceleração da economia portuguesa. Ao nível da procura, este abrandamento fez-se sentir, essencialmente, nas exportações e no investimento, reflectindo a quebra da procura nos mercados interno e externo. Curiosamente o consumo privado registou apenas uma redução marginal (1,5% em 2007, 1,4% em 2008), sustentado por recurso ao crédito, o que implicou uma redução da taxa de poupança das famílias. Neste enquadramento, o contributo da procura interna para o crescimento do produto foi de 1,1 p.p. (em 2008). Já o contributo da procura externa líquida foi de -0,8 p.p., uma vez que a forte desaceleração das exportações foi acompanhada de um abrandamento menos marcado das importações.

A Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) registou, em 2008, uma redução de 0,8%, após um crescimento de 3,2% em 2007. Esta quebra do investimento em 2008 está relacionada com o aumento acentuado dos custos de financiamento, num contexto de subida das taxas de juro e de aumento do prémio de risco de crédito. Numa análise sectorial da FBCF, o investimento residencial e o investimento público registaram uma forte queda, tendo a FBCF empresarial apresentado um crescimento nulo.

As necessidades de financiamento externo da economia portuguesa passaram de 8,2% em 2007 para 9% em 2008. Este agravamento traduz uma redução na taxa de poupança interna, a manutenção da taxa de investimento na economia próxima da registada em 2007 e o aumento do excedente da balança de capital. O défice da balança de bens energéticos foi de 4,4%. Também a balança de rendimentos apresentou um défice de 4,7% do PIB. Já o conjunto das balanças corrente e de capital apresentaram um excedente de 3,7% do PIB em 2008.

1.1.2 O Mercado Segurador

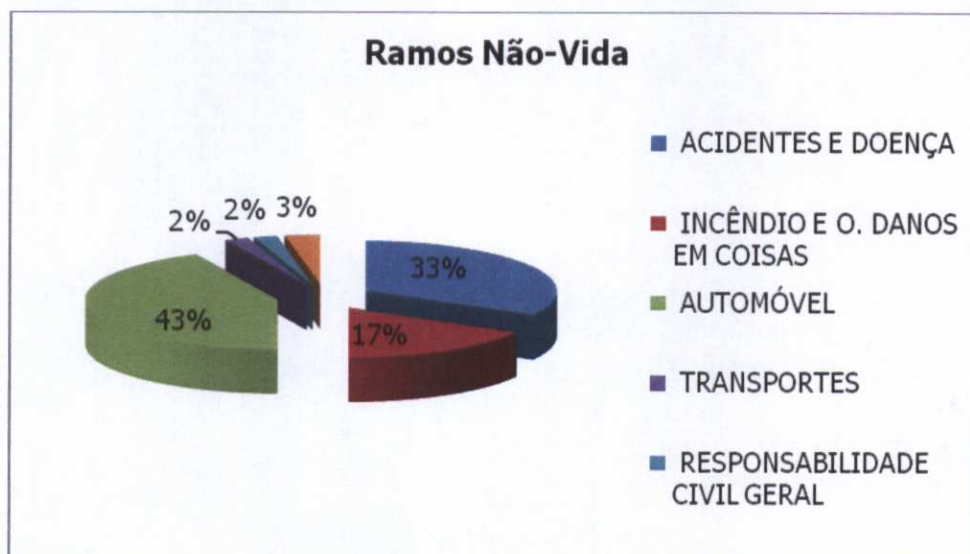
Em linha com a tendência de abrandamento que se tinha vindo a verificar nos últimos anos, o mercado segurador não vida acumulou, em 2008, perdas na ordem dos 2%.

Por ramos, nota para o bom desempenho do segmento de Acidentes e Doença, que apresentou este ano um crescimento de 1,4%, tendo passado a representar um terço do volume global de prémios (o que significa um reforço de 2 pontos percentuais relativamente a 2007).

Também a crescer esteve o ramo de Incêndio (+2,9%), que passa agora a significar 17% do valor global de prémios do mercado não vida.

O ramo Automóvel acentuou a queda verificada no ano transacto e fechou 2008 com perdas de 6,9%, influenciando de forma negativa o desempenho do mercado global e diminuindo o seu peso para 43% do total de prémios.

Nos restantes ramos (que representam 7% do volume de prémios), destaca-se o bom desempenho dos segmentos de Responsabilidade Civil Geral e Diversos (+5% e +2,9% respectivamente).



1.1.3 O Mercado de Capitais

1.1.3.1 O Mercado Cambial

O ciclo de crescimento robusto e de abundante liquidez que caracterizou o mercado cambial na última década, conheceu em 2008 uma inversão de ciclo.

A moeda norte americana apreciou-se drasticamente face à generalidade das divisas. Após um período de fraqueza face à moeda europeia, o alastramento à economia mundial da crise que se iniciou nos Estados Unidos da América, gerou expectativas de cortes generalizados das taxas, o que levou a uma diminuição do diferencial das taxas de dívida governamental norte-americana em relação às homólogas das principais economias, favorecendo a apreciação do dólar.

Na sua relação com o Euro, o ano de 2007 terminou com o dólar a valer 0,6793 euros. Em 31 de Dezembro de 2008, esta divisa passou a valer 0,7185 euros, o que traduz uma valorização de 5,77%.

1.1.3.2 O Mercado Monetário

A resistência dos bancos a cederem fundos entre si agravou-se ao longo de 2008, devido às perdas das instituições financeiras na sequência do colapso *subprime* e pelo alastramento deste problema a outros sectores da economia e a segmentos do mercado financeiro.

Deu-se, assim, um aumento dos prémios de risco, consubstanciado no alargamento exponencial do diferencial das taxas interbancárias (euribor / libor) e as expectativas para as taxas directoras.

Como tentativa de restabelecer a actividade no mercado monetário, as autoridades das principais economias têm adoptado uma postura intervencionista. As medidas têm passado por aumentos de liquidez cedida pelos bancos centrais, concessão de garantias estatais à dívida bancária, aquisição de papel comercial, apoio financeiro aos fundos de tesouraria e estabelecimento de linhas de swaps cambiais com outros bancos centrais para satisfação das necessidades de liquidez em moeda estrangeira nos vários países, num processo de correcção que se prevê gradual.

1.1.3.3 O Mercado de Obrigações

Em 2008 assistiu-se a alterações muito acentuadas das taxas de juro de médio e longo prazo, motivados pelo agravamento da crise do sector financeiro com posterior extensão à actividade económica.

Afectadas pelo sentimento de aversão ao risco, a tendência descendente que as *yields* das obrigações governamentais das economias mais desenvolvidas descreveram, tiveram como causa a forte procura de activos de refúgio por parte dos investidores.

A diferença entre os valores registados no início e no final do ano, nos prazos mais curtos, ascendeu a 200 p.b. nos E.U.A., Alemanha e Reino Unido, dada a forte sincronização com a política monetária. Já nos prazos mais longos as quedas foram menos pronunciadas, com a excepção dos E.U.A., onde a *yield* dos títulos de dívida pública a 10 anos atingiu o valor mínimo dos últimos 50 anos, muito por influência das medidas extraordinárias adoptadas pela Fed, uma vez que os recursos habituais da política monetária escasseavam e os riscos deflacionistas se intensificavam.

As expectativas inflacionistas implícitas nos títulos de dívida (indexados à inflação) passaram de um regime de estabilidade para um regime caracterizado por valores consistentes com um cenário de deflação no médio prazo (especialmente nos E.U.A.).

Por outro lado, as taxas de juro dos títulos de dívida privada dispararam. Inicialmente com incidência no sector financeiro (por causa das crescentes dificuldades das instituições financeiras e do risco sistémico que estava em causa), e, posteriormente, no sector não financeiro à medida que o impacto da crise financeira se alastrava aos restantes sectores da actividade económica.

1.1.3.4 O Mercado de Acções

Este foi um ano particularmente difícil para estes mercados em termos de performance, volatilidade e incerteza.

Nos E.U.A. tanto o Dow Jones (-33,8%) como o S&P 500 (-38,5%) registaram o pior resultado desde a Grande Depressão de 1931. O NASDAQ fechou em 31.12.2008 nos 1.577 pontos, o que revela uma variação YTD (*Year to Date*) de -40,54%.

Na bolsa de valores de Tóquio, o índice Nikkei registou a maior queda anual de sempre, tendo desvalorizado 41,12% (perda de 6.448 pontos).

Também na Europa, o FTSE 100 (Reino Unido) baixou 31,33%, o Dax (Alemanha) recuou 40,37% e o DJ EuroStoxx perdeu 44,37%. O CAC40 (França) desvalorizou 42,68% e o IBEX35 (Espanha) registou uma perda acumulada de 39,43%.

Em Portugal, o PSI-20 fechou o ano com uma perda superior a 51%, o que corresponde à maior descida de sempre. As empresas constituintes deste índice terminaram 2008 a valer menos 50,7 mil milhões de euros do que no início do ano. O PSI-20 teve o 41º pior desempenho entre 89 das principais praças mundiais.

1.2 Economia Mundial

O ano de 2008 fica marcado como um dos mais conturbados de sempre no plano financeiro. Após cinco anos de grande prosperidade global, baixos níveis de volatilidade nos mercados financeiros e de liquidez abundante, a degradação das condições de financiamento foi sufocando a actividade económica.

A tese do "*decoupling*" (segundo a qual a pujança dos mercados emergentes e a resiliência da Europa Continental seriam suficientes para sustentar a dinâmica de crescimento global) revelou-se um mito.

Ao nível da actividade económica, nenhuma tipologia de países ou zona geográfica escapou incólume ao vórtice recessivo: E.U.A., Zona Euro e Japão estão em recessão; a China encontra-se num processo de arrefecimento acelerado.

Na vertente dos preços, na primeira metade de 2008 assistimos a uma espiral inflacionista, que deu lugar, na segunda metade do ano, a uma corrente de deflação.

No mercado de crédito registaram-se perdas avultadas, e no mercado monetário a crise agravou-se propagando-se aos restantes segmentos dos mercados financeiros e sectores da economia.

A propagação da crise económico-financeira determinou uma resposta energética das autoridades dos países mais afectados, através de reduções agressivas das taxas directas, injeção de liquidez no sistema financeiro, concessão de garantias estatais à emissão de dívida bancária e de participação dos governos no esforço de capitalização das instituições financeiras.

Europa

O ano de 2008 iniciou-se com a percepção de que a zona euro estaria relativamente escudada dos problemas do *subprime*, e que beneficiaria, por via das exportações, do grande dinamismo dos mercados emergentes.

A subida do preço das matérias-primas e a pressão exercida sobre as margens das empresas, levou a uma inflação de 4% em Julho. Perante este cenário de inflação, o BCE (Banco Central Europeu) praticou uma política monetária restritiva, elevando, em Julho, a taxa *refi* para 4,25%.

A deterioração das condições de acesso e de custo do financiamento, motivada pela crise financeira, acompanhada do aumento do custo das matérias-primas, originou uma quebra de confiança dos agentes económicos e consequente redução dos níveis de produção. O último trimestre de 2008 inicia-se com os principais dados de actividade a apontarem para uma recessão económica da zona euro, ao mesmo tempo que os indicadores de inflação indicavam que os riscos para a estabilidade dos preços eram descendentes e não ascendentes.

Perante esta realidade o BCE inverteu a estratégia, cortando progressivamente as taxas de juro de 4,25% em Julho para 2,50% em Dezembro.

E.U.A.

Em 2008 a economia norte americana ficou marcada pelo colapso do mercado imobiliário, escalada do preço das *commodities* e pelo agravamento da crise financeira. Assim, a política monetária foi influenciada pela incidência de cada um destes factores.

No início do ano, as condições mais restritivas de acesso ao crédito e o aumento do preço dos combustíveis condicionaram o andamento do investimento e do consumo, este último também condicionado pela desvalorização das habitações e das acções, e pelo enfraquecimento do emprego.

Em Setembro a Fed desceu agressivamente as taxas directoras para 1%, como forma de fazer face ao risco sistémico que representava a deterioração do sistema financeiro na economia real.

Reino Unido

Apesar da intransigência inicial, no início do Outono de 2008, a fragilidade do sector financeiro levou o Estado a assumir-se como accionista dum conjunto alargado de bancos. Este factor acrescido da deterioração dos mercados imobiliário e de trabalho, da queda dos índices accionistas, da maior restrição no acesso ao crédito e pessimismo dos agentes económicos, levou a economia a entrar em recessão no 3º trimestre. O Banco de Inglaterra respondeu agressivamente, acumulando cortes na taxa base de 300 p.b. em apenas dois meses.

China

Surgiram, em 2008, vários indícios de que os anos de forte dinamismo da economia chinesa chegaram ao fim, nomeadamente a taxa de crescimento do PIB que deixou de ser de dois dígitos.

Foi ao nível da procura externa que se iniciaram as dificuldades com variações de -2%, quando nos anos subsequentes à adesão à OMC esta taxa variou entre 30% e 40%.

Sendo o abrandamento das exportações um factor exógeno, a capacidade das autoridades em controlar o problema económico tornou-se muito limitada.

Japão

Como para qualquer economia que tem como pilar de crescimento o sector exportador, a retracção do consumo nas principais economias mundiais implicou um forte abrandamento da economia, agravada, no caso japonês, pela apreciação do iene (chegou a valorizar-se cerca de 30% face ao euro).

As despesas de investimento, essencialmente destinadas a desenvolver a capacidade exportadora, registaram uma contracção agravada pelas dificuldades de captação de fundos nos mercados financeiros.

Perante a recessão económica, o banco do Japão abandonou as intenções de normalizar gradualmente a política monetária e diminuiu a taxa directora de 0,5% para 0,3%. Também o governo anunciou várias medidas de estímulo orçamental.

Li - 1 -
M
Bx

2. A N SEGUROS EM 2008

2.1. Produção

2.1.1. Volume de Prémios

A N Seguros apresentou uma receita acumulada de praticamente 7 milhões de euros no seu primeiro ano de actividade. Este resultado representa um excelente desempenho no ano de arranque, face ao inicialmente estimado, tendo ainda em conta que o início da actividade apenas ocorreu em Fevereiro.

	2008			
	1º trim.	2º trim.	3º trim.	4º trim.
Volume de Prémios	597	2.366	4.637	6.969

2.1.2. Quota de Mercado

A quota da N Seguros, S.A. no mercado global Não Vida foi, em 2008 de 0,16%.

	2008
Quota de Mercado Não Vida	0,16%

Quando analisada apenas a produção do ramo Automóvel de todas as seguradoras, a quota da N Seguros, S.A. em 2008 sobe para os 0,31%.

	2008
Quota de Mercado Ramo Automóvel	0,31%

Considerando ainda o peso da produção Automóvel da N Seguros, S.A. no universo das seguradoras directas (tendo em conta o mesmo ramo), a quota de mercado atinge o valor de 8,43%, um valor bastante positivo que comprova a influência que a Companhia conquistou neste mercado particular.

	2008
Quota de Mercado Ramo Automóvel (apenas Seguradoras Directas)*	8,43%

*foram considerados os valores da Via Directa, Seguro Directo, Logo Seguros e N Seguros

2.1.3. Nº de Apólices e Nº de Clientes

O número de apólices em vigor na N Seguros ultrapassou as 40 mil em 2008, o que representa, considerando 11 meses de actividade, uma média mensal de 3 720 apólices novas.

	2008
Nº de Apólices em vigor	40. 925

L. 1. -
P. 7. -

A N Seguros conseguiu conquistar mais de 37 mil clientes em 2008, o que prova a sua imagem de confiança, qualidade de serviço e aceitação no mercado segurador. Para 11 meses de actividade, este valor significa uma média mensal de 3 392 clientes novos por mês.

	2008
Nº de Clientes	37. 318

Lin
10/11

2.2. Recursos Humanos

2.2.1. Quadro de Pessoal

O quadro de pessoal da N Seguros S.A., no final de 2008, é composto por 8 colaboradores, registando-se uma repartição entre colaboradores efectivos e colaboradores a termo de 50%.

	2008	
	Quant.	%
N.º Colaboradores	8	
Área Operacional	4	50,00%
Área Técnica	1	12,50%
Área Mercados	3	37,50%
Prémios / Nr. Colaboradores	871.138 €	
Apólices por Colaborador	5.050	

2.2.2. Outros dados relevantes

Na N Seguros, S.A., o número de colaboradores com formação superior representa uma larga maioria do total (62,5%).

	2008	
	Quant.	%
Superior	5	62,50%
Secundário	2	25,00%
Outro	1	12,50%
TOTAL	8	100,00%

2.2.3. Desenvolvimento de Recursos Humanos

Durante este ano, a N Seguros, S.A. empenhou-se em proporcionar o alargamento das capacidades dos seus colaboradores, tendo desenvolvido, nesse âmbito, o projecto "Comunicação Interna como factor crítico de sucesso".

U. A. -
D. J. -

2.3 Projectos Desenvolvidos em 2008

Os projectos desenvolvidos, considerando que 2008 foi o ano de início de operação, tiveram como objectivos:

- A montagem de toda a infra-estrutura tecnológica de suporte à actividade, a qual se caracteriza por uma elevada disponibilidade e,
- O desenvolvimento de processos que suportam a actividade do segurador, através de uma abordagem holística aos mesmos - respeitando o binómio eficácia e eficiência/risco operacional.

Realce para os seguintes pontos:

- Arranque NSeguros (site da Seguradora; desenho, configuração e implementação do parque aplicacional; externalização do Contact Center e de parte do parque dos servidores; gestão de sinistros)
- Seguro Automóvel (NAuto)
- Zona privada (acesso restrito a clientes, para consultas, gravação de novos seguros e pedidos de alteração a apólices ou a dados do tomador)
- Seguro de Motociclos (NMoto) - concluído desenvolvimento
- Seguro de Multi-Riscos Habitação - em fase de conclusão
- Configuração de Multibanco Online para o site da NSeguros
- Sistema de gestão de regras de negócio (BRMS) para tarifação Automóvel e implementação de políticas de subscrição.
- Criação de ambiente de qualidade para validação aplicacional.

Os mesmos foram suportados por desenvolvimentos efectuados em plataforma internet. Concomitantemente foi desenvolvido motor tarifário e os competentes serviços de ligação ao mesmo e ao sistema core.

Complementarmente foram concebidos processos/desenvolvidas ferramentas de gestão de campanhas com vista à comercialização de seguros baseados em esquema de grupos – affinities. Estes contemplaram não somente a customização da plataforma internet de forma a acomodar as respectivas alterações, mas também a construção de ferramenta de parametrização tarifária/política de subscrição.

Por último foram desenhados processos relativos à comercialização de novo produto - Multi-riosos Habitação - e iniciado o respectivo desenvolvimento informático.

2.4 Posicionamento e Imagem

Seguradora de Canal Directo, detida a 100% pela Real Seguros, S.A., a N Seguros foi lançada em Fevereiro 2008. Com missão e valores próprios, a N Seguros S.A. é autónoma na sua gestão.

Para o lançamento da N Seguros impôs-se uma clara definição estratégica, para uma conquista rápida de território pela marca, visto que o mercado estava ocupado por 2 fortes marcas, com oferta de produtos/serviços pouco difíceis de se diferenciar.

Esta estratégia passou por uma clara caracterização do consumidor enquanto ser racional e emotivo. Por um lado, a experiência do consumidor já adquirida e aquilo que

Li-
Ph-

desejava e por outro lado, as necessidades de evolução do produto para ir de encontro às suas necessidades.

Como forma de cumprir este objectivo, a N Seguros centrou o seu conceito base na diferenciação, apelando a benefícios "racionais" como comodidade, facilidade e preço mas também a benefícios "emocionais" como humanização, modernidade e inovação. A escolha do seu nome pretende evidenciar a multiplicidade de opções que o cliente poderá encontrar na marca. Assim, a Real Seguros escolheu para a nova seguradora a denominação N SEGUROS com a utilização da assinatura de comunicação N SEGUROS... N SOLUÇÕES.

Posiciona-se através de uma oferta diferenciadora e competitiva, não apenas ao nível do produto final como também no que diz respeito ao serviço prestado ao cliente sendo o apoio "mais humanizado" e o contacto personalizado privilegiados. Na comunicação com o cliente, para além da humanização, que permite o reforço da ligação emocional à marca, utilizam-se elementos de rápida memorização que nas peças de comunicação, determinam o "Call to Action". Para cumprir os seus objectivos, os investimentos de Marketing da Companhia basearam-se essencialmente em Publicidade, Internet e Relações Públicas.

2.4.1 Promoção

No ano de 2008 a marca apostou numa estratégia de criação e crescimento da notoriedade, em paralelo com a venda do seu produto core - N Auto. A comunicação baseou-se numa estratégia Mix de divulgação entre marca & produto.

Publicidade

A N SEGUROS apostou em campanhas multicanal, incidindo numa comunicação onde o Open TV foi o meio drive de comunicação, distinguindo-se o Plano de Publicidade em duas fases:

- Fase de Lançamento
- Fase de Manutenção

Na **fase de lançamento**, o meio TV, com presença na TVI, SIC e RTP1, foi reforçado pela presença em alguns suportes de imprensa generalista (Visão, Correio da Manhã, Jornal de Notícias, Diário Económico, Jornal de Negócios, Expresso, OJE, Vida Económica) com uma campanha Teaser e Revelação e alguma imprensa especializada – Automotor e Guia Automóvel.

Nesta mesma fase foi feita uma vaga de Rádio na RFM e TSF e uma vaga de Exterior. De forma a abranger o maior espectro possível, a marca esteve também presente na TV Cabo até Julho nos canais AXN e SIC Notícias.

Na **fase de manutenção** manteve-se ao longo de todo o ano a Open TV, com uma pressão bastante inferior, essencialmente a partir de Setembro, mês em que se passou a ter presença apenas na TVI e SIC.

A TV Cabo manteve-se também nos canais AXN e SIC Notícias até Setembro. A aposta na imprensa especializada manteve-se até Julho.

Ao longo de todo o ano houve uma forte presença na **Internet**, com publicidade em banners e de campanhas de Adwords no Google, que são para a N Seguros uma presença fundamental atendendo às características da Seguradora e o segmento de mercado onde está inserida.

Relações Públicas

A N Seguros, S.A., lançada em Fevereiro de 2008, foi objecto de diversas acções de relações públicas, que culminaram no seu lançamento efectuado numa conferência de imprensa.

Ao longo de 2008 houve uma forte presença da marca com Comunicados de Imprensa, que permitiu a divulgação de algumas notícias.

Internet

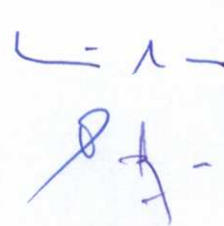
O **Web Site** da N SEGUROS é o cartão-de-visita da Companhia, razão pela qual os investimentos e a comunicação no mesmo foram uma peça fundamental da estratégia de marketing.

Para além disso, como Companhia de Marketing Directo, a Internet, tal como o Contact Center são os canais de distribuição da marca, assumindo assim um papel fulcral na actividade. Sendo o Web Site o principal POS da marca, presta através do **Mediador Virtual**, do **Serviço Click to Call**, e da sua **Zona Segura**, um apoio a clientes e visitantes.

O "Mediador Virtual" possibilita que o processo de simulação seja interactivo e fácil de realizar. A figura do "mediador virtual" (o "N"), humaniza a marca e os seus produtos, acompanhando e aconselhando o cliente, à semelhança de um mediador tradicional, sobre o produto mais adequado a subscrever de acordo com as suas necessidades.

A plataforma "**Click2Call**" permite ao cliente, no caso de necessitar de informação mais detalhada sobre o seguro automóvel a subscrever, solicitar um contacto directo e a N SEGUROS assume a responsabilidade de o contactar dentro do período de tempo sugerido pelo próprio.

A concepção do Web Site teve em consideração diversos objectivos finais, suportada numa tecnologia que considerou vários factores relevantes e imprescindíveis, com o objectivo de ser inovador e cumprir alguns requisitos, como ter um design simples e apelativo, ser userfriendly, dinâmico, informativo, comercial e fidelizar os clientes da marca.



2.5 Sinistralidade

2.5.1 Taxa de Sinistralidade e Rácio de Provisionamento

No primeiro exercício da N Seguros, S.A. a taxa de sinistralidade foi de 61,10%.

	2008
Taxa de Sinistralidade	61,10%

O Rácio de Provisionamento da N Seguros, S.A situou-se nos 36,19%

	2008
Rácio de Provisionamento	36,19%

2.5.2 Sinistros em curso, abertos e encerrados

A N Seguros registou no seu primeiro ano de exercício, a abertura de mais de 3 000 processos de sinistros. Os processos pendentes representam pouco mais de um terço dos processos abertos, o que reflecte o rápido crescimento da Companhia.

	2008 Qt.
Sinistros Abertos	3.418
Sinistros em Curso	1.236
Sinistros Encerrados	2.182

2.5.3 Taxa de Encerramento

No que respeita à taxa de encerramento, esta atingiu, em 2008 para a N Seguros o valor de 63,84%.

	2008
Taxa de Encerramento	63,84%

2.6 Resseguro

O resultado do resseguro foi favorável para os Resseguradores e apresentou, em 2008, um saldo de cerca de 305 mil euros.

	2008
Prémios	305.498
Provisões	0
Comissões	0
Indemnizações	0
Resultado	305.498

O rácio de cedência foi de 4,38%, em 2008.

O painel de Resseguradores de suporte ao Programa de Resseguro de 2008 manteve, num período de turbulência do mercado ressegurador, um excelente nível de rating, com a liderança a ser distribuída entre a Munich Re e a Partner Re, assegurando uma elevada qualidade no suporte ao negócio.

Ressegurador	S&P
Munich Re (Líder)	AA-
Partner Re (Líder)	AA-
AM - GMF	Api
Hannover Rück	AA-
Mitsui Sumitomo	AA-
Nacional Re	A+
Odyssey Re	A-
Paris Re	A-
R+V	A+
Scor	A-
Secura	AA-
Sirius	A-

2.7 Análise Financeira

2.7.1 Resultado Antes Impostos, Resultado Líquido Return on Equity (ROE)

A N Seguros S.A., apresenta no final do seu primeiro exercício um resultado líquido negativo de cerca de 8,6 milhões de euros.

	2008
Resultado Antes do Imposto	-8.605.697
Resultado Líquido	-8.613.619
Capitais Próprios	3.886.381
R.O.E.	n.a.

2.7.2 Despesas Gerais

No corrente ano, as despesas gerais da Companhia ultrapassaram os 6,7 milhões de euros.

Destaque neste ponto para as despesas associadas à rubrica de "publicidade e Propaganda" com cerca de 3,8 milhões de euros.

	2008
Custos com Pessoal	422.275
Conservação e Reparação	26.170
Rendas e Alugueres	72.719
Comunicação	115.237
Serviços Contratados	1.710.318
Despesas de Representação	7.885
Seguros	9.689
Publicidade e Propaganda	3.883.521
Reintegrações/Amortizações	332.743
Outros	216.248
	6.796.804

2.7.3 Resultado Operacional

	2008
Prémios Brutos	6.969.101
Sinistros	4.258.447
Resseguro	305.498
Comissões	0
Despesas Gerais	6.796.804
Resultado	-4.391.648

2.7.4 Investimentos

O valor da carteira de investimentos da N Seguros, S.A. regista um montante de cerca de 9 milhões de euros, totalmente alocados a Depósitos.

	2008	
	Euros	%
Títulos do Estado	0	0,00%
Obrigações Diversas	0	0,00%
Acções e Unidades de Participação	0	0,00%
Depósitos e Outros	9.052.104	100,00%
Empréstimos	0	0,00%
Imóveis	0	0,00%
TOTAL	9.052.104	100,00%

2.7.5 Garantias Financeiras

As responsabilidades da N Seguros encontram-se à data de 31.12.2008, devidamente representadas, sendo a taxa de solvência de 112,72%.

2.7.6 Aplicação de Resultados

Nos termos da alínea f) do n.º 5 do art. 66 do Código das Sociedades propõem-se que o resultado do exercício de 2008, registando um prejuízo no montante de 8.613.619 Euros, seja aplicado à rubrica de Resultados Transitados.

U - 1 -
P
2

3 PERSPECTIVAS 2009

3.1 Economia

De acordo com as previsões do FMI, o crescimento do PIB mundial, em 2009, deverá ser de -1%, o que contrasta com os 3,7% de 2008 e os 5% de 2007.

Este cenário contempla uma contracção da actividade nas principais economias e uma perda de vigor nos mercados emergentes que resulta da degradação da economia global, nomeadamente dos mercados de capitais e da restrição no acesso ao crédito.

Nos E.U.A., o desemprego e a desvalorização de activos reais e financeiros, indiciam uma contracção do consumo, enquanto a apreciação do dólar restringirá as exportações. É também espectável uma retracção no investimento empresarial.

Na zona euro e no Japão, as exportações e o investimento a elas relacionado, será fortemente condicionado pela diminuição da procura externa. A trajectória do consumo nestas duas economias dever-se-á agravar ao longo de 2009, uma vez que o mercado de trabalho deverá perder robustez.

Na China, que alicerçou o seu crescimento dos últimos anos nas exportações, debater-se-á com problemas internos, económicos e sociais, que constituem um óbice ao relançamento da economia por via da procura doméstica.

No plano dos preços, a reversão do custo das meterias primas e o clima recessivo implicam um recuo na taxa de crescimento dos preços para valores que, nas principais economias, se aproximará dos 0%, ou seja, na fronteira entre a inflação e deflação.

O estímulo à economia que será administrado pelos governos, levará a uma estabilização da economia global na segunda metade de 2009. Esta eventual recuperação será tanto mais provável quanto maior for a capacidade do sector privado de se substituir ao sector público como motor da procura agregada.

Ao nível da dívida pública, é expectável uma queda das *yields* das obrigações dos governos dos países mais desenvolvidos, como E.U.A., Alemanha e Japão.

No mercado cambial, o contexto recessivo e de aversão ao risco beneficiará o dólar e o iene.

No domínio da política monetária é previsível uma redução generalizada das taxas directoras para valores próximos de 0%, a que se poderá seguir políticas de *quantitative easing* (injecção massiva de liquidez na economia) envolvendo a manutenção das taxas directoras a níveis baixos por períodos de tempo prolongados, para além da compra de títulos de dívida pública e privada por parte dos bancos centrais.

No plano orçamental é esperada a implementação de medidas de suporte à economia, quer por via fiscal, quer através de despesas de investimento dos estados.

3.2 A N Seguros em 2009

A N Seguros, sendo uma seguradora muito recente, necessitará de algum suporte financeiro e, acima de tudo, de manter uma visão e direcção claras, de forma a evoluir a concluir as adaptações tecnológicas e estruturais necessárias para permanecer no mercado, próxima dos segurados, numa base de confiança e de transparência que propicie mais oportunidades.

A N Seguros terá que se focar em criar e aproveitar economias de escala, concentrando esforços na excelência operacional e na redução de custos. A equação que tem pela frente já não é simplesmente de uma variável, preço OU qualidade, mas de duas variáveis preço E qualidade. Assim, a N Seguros, vai procurar subir na cadeia de valor de serviços prestados aos seus segurados, nomeadamente através do desenvolvimento do seu sítio na internet, em <http://www.nseguuros.pt> (área geral e área privada) que, com oferta de novos produtos e serviços a preços diferenciados, levará, respectivamente, os Segurados e os potenciais Segurados a uma maior utilização (com impactos positivos em termos de fidelização) e procura.

O canal de venda directa, principalmente via Internet, será pois o paradigma e o canal de eleição.

Especialmente tendo em vista a redução de custos e uma maior operacionalidade, vai ser replicado o sítio na internet numa nova plataforma, em regime de open source, permitindo uma melhor gestão do canal.

Tendo em conta a especificidade da N Seguros e a dependência dos seus resultados de vendas ligados à publicidade, principalmente nos media, estão previstas em 2009 duas campanhas específicas para alavancar as vendas e a notoriedade da Companhia.

Durante o ano de 2009, a N Seguros irá lançar no mercado o produto N Habitação e o N Moto. A entrada destes dois novos produtos irá ajudar a conquistar mais novos clientes e também a proporcionar a venda cruzada na carteira existente do ramo Automóvel.

Manter-se-á, agora com a eficiência proporcionada pela experiência acumulada, o quadro de pessoal do Contact Center, estando apenas prevista uma reorganização, tendo em consideração o aumento das tarefas de Back-Office resultantes do significativo aumento do número de Apólices em Carteira.

Haverá um grande esforço na gestão e na retenção activa de colaboradores de qualidade, compatível com as melhores práticas de recursos humanos, de forma a maximizar o retorno do investimento efectuado e reduzir riscos de saída dos seus melhores colaboradores.

Por todos estes motivos o ano de 2009 será, portanto, um ano crucial para o desenvolvimento e reforço da N Seguros.

4 DIVIDAS À SEGURANÇA SOCIAL E AO ESTADO

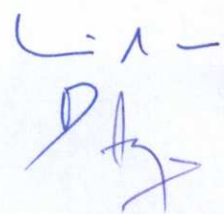
Nos termos do disposto no art. 2º do Decreto-Lei 534/80 de 7 de Novembro e do art. 21º do Decreto-Lei 411/91 de 17 de Outubro, indica-se que à data de 31/12/2008 não existiam quaisquer dívidas ao Sector Público Estatal, cujo pagamento esteja em mora, nem dívidas à Segurança Social.



5 OBJECTIVOS E POLÍTICAS DA SOCIEDADE EM MATÉRIA DE GESTÃO DOS RISCOS FINANCEIROS

Os investimentos da N Seguros S.A. procuraram ter em conta o tipo de operações que a empresa realiza, de forma a garantir critérios de rendibilidade, liquidez e segurança, assegurando a observância dos princípios de diversificação e dispersão dos riscos.

A política de investimento para 2008 foi definida pelo Conselho de Administração da N Seguros, o qual teve em atenção a situação do mercado de capitais, tendo optado por uma gestão passiva, onde a segurança e liquidez dos investimentos prevaleceu. Por esta razão, a utilização de produtos derivados, sendo permitida na medida em que contribua para uma gestão eficaz da carteira e redução do risco de taxa de juro e/ou cambial, não foi utilizada.



6 DISPOSIÇÕES FINAIS

O Conselho de Administração entende ser seu dever expressar o seu reconhecimento e agradecimento público às seguintes entidades:

- ✓ Ao Accionista pelo apoio e confiança que tem demonstrado
- ✓ Aos Clientes pela preferência com que distinguiram a Companhia
- ✓ Ao Instituto de Seguros de Portugal e à Associação Portuguesa de Seguradores, e Resseguradores pela atenção com que acompanham o desenvolvimento da Companhia
- ✓ A todos os Colaboradores, pelo seu empenhamento e dedicação

Porto, 13 de Maio de 2009

O Conselho de Administração

Joaquim José Fernandes Branco (Presidente)



Jorge Manuel Guedes Machado (Administrador Delegado)



Renato Pedro Menino Duarte Homem (Vogal)



7 ACÇÕES DOS MEMBROS DOS ÓRGÃOS SOCIAIS

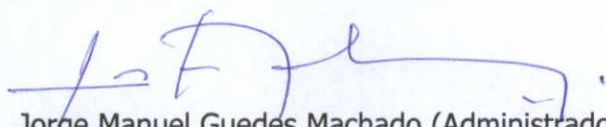
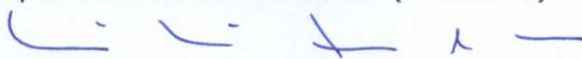
De acordo com o n.º 5 do art. 447º do Código das Sociedades Comerciais, confirma-se que nenhum dos membros dos Órgãos Sociais detém qualquer acção na N Seguros, S.A. em 31.12.2008.

Participação de Accionistas

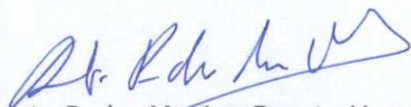
De acordo com o n.º 4 do art. 448 do Código das Sociedades informa-se que a Real Seguros S.A. detém 100% das acções da N SEGUROS, S.A.

O Conselho de Administração

Joaquim José Fernandes Branco (Presidente)



Jorge Manuel Guedes Machado (Administrador Delegado)



Renato Pedro Menino Duarte Homem (Vogal)